

## DOCUMENTOS PARA O ENSINO

### COMUNICAÇÃO SOCIAL E ENSINO DA GEOGRAFIA

#### ALGUNS ASPECTOS DA IMAGEM DOS PAÍSES

O papel da comunicação social como meio de informação privilegiado de vastas camadas da população confere-lhe uma extrema importância na formação da imagem que os cidadãos têm do território, e pode-se dizer que este papel é tanto mais acentuado quanto mais distantes forem as áreas consideradas, pois diminui a probabilidade de conhecimento directo por parte dos indivíduos e de acesso a outros meios de informação.

Dado que qualquer notícia identifica obrigatoriamente o lugar que é palco da acção em causa, podendo ou não enquadrá-la nalgumas características do território, a imagem que a maior parte dos cidadãos possuem acerca do planeta é, frequentemente, aquela que lhes chega pela comunicação social. Se, por um lado, não há garantias de que estas informações estejam isentas de imprecisões e incorrecções na origem (por parte de correspondentes locais ou de agências noticiosas), por outro, a sua posterior selecção e ordenação por parte dos profissionais da informação nem sempre serão as mais correctas, o que pode conduzir o público (ou algumas camadas de público) a distorções das imagens geográficas e de conhecimentos que lhes estejam associados. Acresce que as referências aos territórios mais longínquos são, obviamente, conjunturais, pois têm a ver com questões de actualidade do noticiário internacional. Tal facto leva a que o grau de informação sobre as diversas regiões do globo varie, de algum modo, de acordo com os acontecimentos internacionais mais noticiados em cada momento.

Os aspectos aqui focados podem interessar ao ensino da Geografia na medida em que os alunos acumulam a formação geográfica do ensino institucional com a informação que diariamente recebem pela comunicação social, construindo uma imagem mental dos diversos aspectos da geografia do planeta que nem sempre é a mais correcta. Torna-se então útil aos docentes de Geografia tentarem conhecer de que modo os *media* podem eventualmente levar os seus alunos a formarem imagens geográficas distorcidas, para se poderem desenvolver acções didácticas com

vista a minimizar os efeitos negativos e a potenciar os efeitos positivos. Nesse sentido, o conhecimento das imagens geográficas dos jornalistas tem uma importância fundamental, pois eles são o *interface* entre o acontecimento e a notícia. A sua visão do mundo vai reflectir o contacto sistemático com as notícias e as suas fontes e, simultaneamente, influenciar a produção da informação que chega ao grande público.

Para tentar uma primeira aproximação ao estudo destas questões, foi elaborado um inquérito dirigido aos jornalistas da imprensa não especializada de Lisboa, para preparar uma comunicação ao I Congresso da Geografia Portuguesa <sup>(1)</sup>. O inquérito incluiu um primeiro grupo de questões para breve caracterização do jornalista; um segundo, sobre algumas características da rede urbana comunitária; e um terceiro, sobre a importância dos países em diferentes domínios, subdividido em dois pontos, em que no primeiro se pedia para indicar os três países do mundo mais importantes em termos políticos, religiosos, económicos, desportivos, militares e culturais e no segundo se perguntava quais os três países com melhor nível de bem-estar social, os que melhor defendem as liberdades e direitos individuais, e aqueles onde a criminalidade tem maior expressão e onde a miséria tem maior expressão. Obtiveram-se 93 respostas, nos jornais «Expresso», «O Jornal», «Público» e «Correio da Manhã», entre Fevereiro e Março de 1991. Na referida comunicação, só se apresentou a análise da parte relativa à rede urbana dos países da CEE, pelo que, na presente nota, se expõem os resultados sobre a imagem de alguns aspectos dos países.

No tratamento da informação relativa a esta parte do inquérito, optou-se pela construção de um índice que permitisse cartografar num mesmo mapa as respostas em cada domínio. Assim, para determinar o índice de cada país em cada um dos temas analisados, atribuiu-se peso três às referências em primeiro lugar, peso dois às referências em segundo lugar e peso um às referências em terceiro lugar.

As respostas sobre a importância política (fig. 1) traduzem a bipolarização E. U. A.-U. R. S. S. Contudo, é atribuída maior importância aos norte-americanos, reflectindo muito provavelmente a perda de influência da U. R. S. S. ao nível mundial, devido à crise dos regimes do Leste europeu e aos problemas internos que este país atravessa. Não existindo uma forma objectiva de medir a importância política dos países, pode-se contudo considerar que o estatuto de membro permanente do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas constitui o nível de topo de tal hierarquia. Assim, seria de esperar que, a seguir aos dois países já mencionados, aparecessem a China, a França e o Reino Unido (não necessariamente por essa ordem), o que só não acontece em relação a este último país, que surge sub-representado. As restantes referências são a países desenvolvidos de economia de mercado, de que se destacam a Itália e Israel — neste segundo caso devido, certamente,

(1) ANDRÉ, I.; MADEIRA, P.; MALHEIROS, J. — «O Território Visto por quem Informa», *Portugal: Uma Geografia em Mudança?*, Secção G. Imagem e Território, Associação Portuguesa de Geógrafos, Lisboa, 1991.

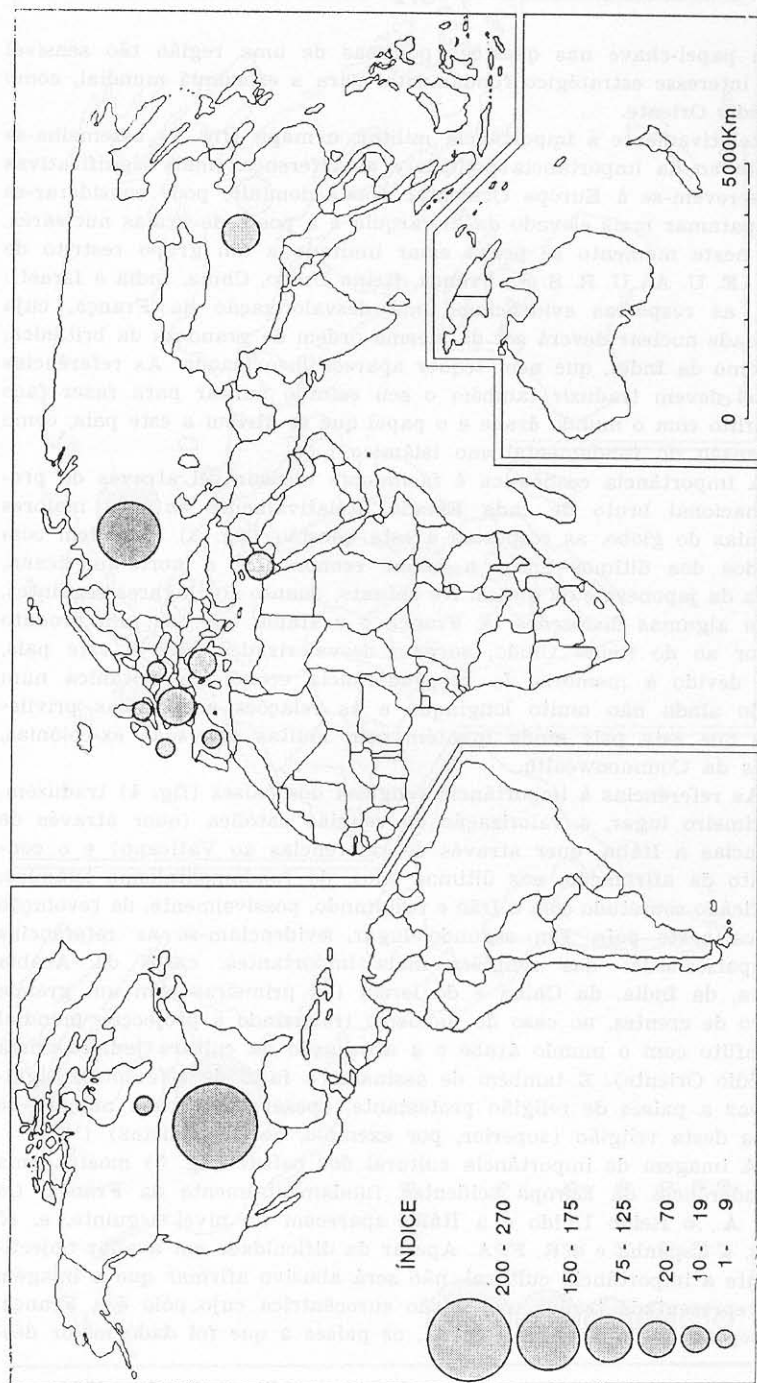


Fig. 1 — Importância política.

ao seu papel-chave nas questões políticas de uma região tão sensível e com interesse estratégico fundamental para a economia mundial, como é o Médio Oriente.

Relativamente à importância militar, o mapa (fig. 2) assemelha-se bastante ao da importância política e as diferenças mais significativas circunscrevem-se à Europa Ocidental. Neste domínio, pode considerar-se que o patamar mais elevado da hierarquia é a posse de armas nucleares, o que neste momento se pensa estar limitado a um grupo restrito de países (E. U. A., U. R. S. S., França, Reino Unido, China, Índia e Israel). Assim, as respostas evidenciam uma desvalorização da França, cuja capacidade nuclear deverá ser da mesma ordem de grandeza da britânica, bem como da Índia, que nem sequer aparece mencionada. As referências a Israel devem traduzir também o seu esforço militar para fazer face ao conflito com o mundo árabe e o papel que se atribui a este país, como à expansão do fundamentalismo islâmico.

A importância económica é facilmente mensurável através do produto nacional bruto de cada Estado. Relativamente às três maiores economias do globo, as respostas a esta questão (fig. 3) coincidem com os dados dos últimos anos: a maior economia é a norte-americana, seguida da japonesa e da alemã. No entanto, quanto aos lugares seguintes, surgem algumas distorções. A França e a Itália, que têm um produto superior ao do Reino Unido, surgem desvalorizadas face a este país, talvez devido à memória da preponderância económica britânica num passado ainda não muito longínquo e às relações económicas privilegiadas que este país ainda mantém com muitas das suas ex-colónias, através da Commonwealth.

As referências à importância religiosa dos países (fig. 4) traduzem, em primeiro lugar, a valorização da religião católica (quer através de referências a Itália, quer através de referências ao Vaticano) e o contraponto da afirmação, nos últimos anos, do fundamentalismo islâmico, identificado sobretudo com o Irão e resultando, possivelmente, da revolução islâmica neste país. Em segundo lugar, evidenciam-se as referências aos «países-sede» das religiões mais importantes, casos da Arábia Saudita, da Índia, da China e de Israel (as primeiras com um grande número de crentes, no caso do judaísmo traduzindo a projecção mundial do conflito com o mundo árabe e a afirmação da cultura judaico-cristã no Médio Oriente). É também de assinalar a falta de referências significativas a países de religião protestante, apesar do elevado número de crentes desta religião (superior, por exemplo, ao de budistas) <sup>(2)</sup>.

A imagem da importância cultural dos países (fig. 5) mostra uma preponderância da Europa ocidental, fundamentalmente da França. Os E. U. A., o Reino Unido e a Itália aparecem no nível seguinte, e, só depois, a Espanha e a R. F. A. Apesar da dificuldade em avaliar objectivamente a importância cultural, não será abusivo afirmar que a imagem aqui representada traduz uma visão eurocéntrica cujo pólo é a França. A excepção do Japão e do Canadá, os países a que foi dado maior des-

(<sup>2</sup>) PIERRE SERRYN — «Le Monde D'Aujourd'hui», Bordas, 1981.

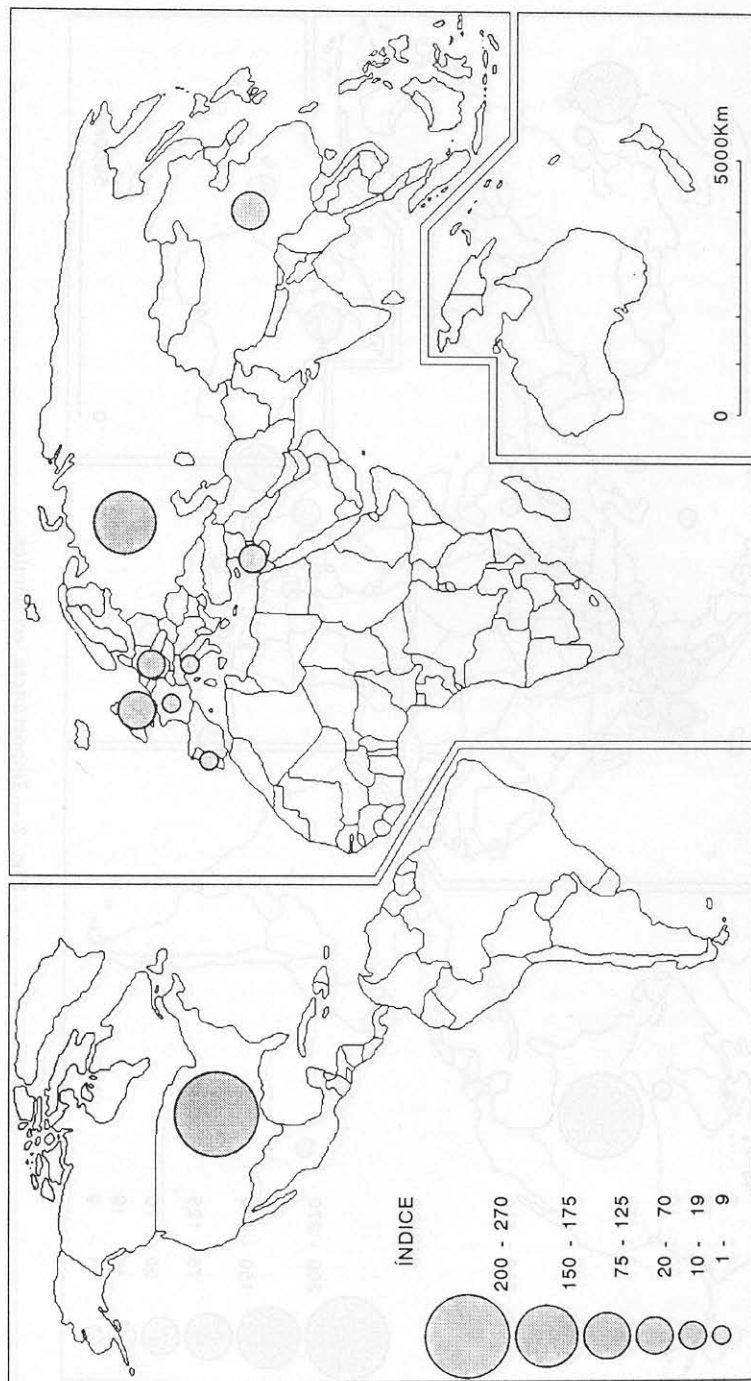


Fig. 2 — Importância militar.

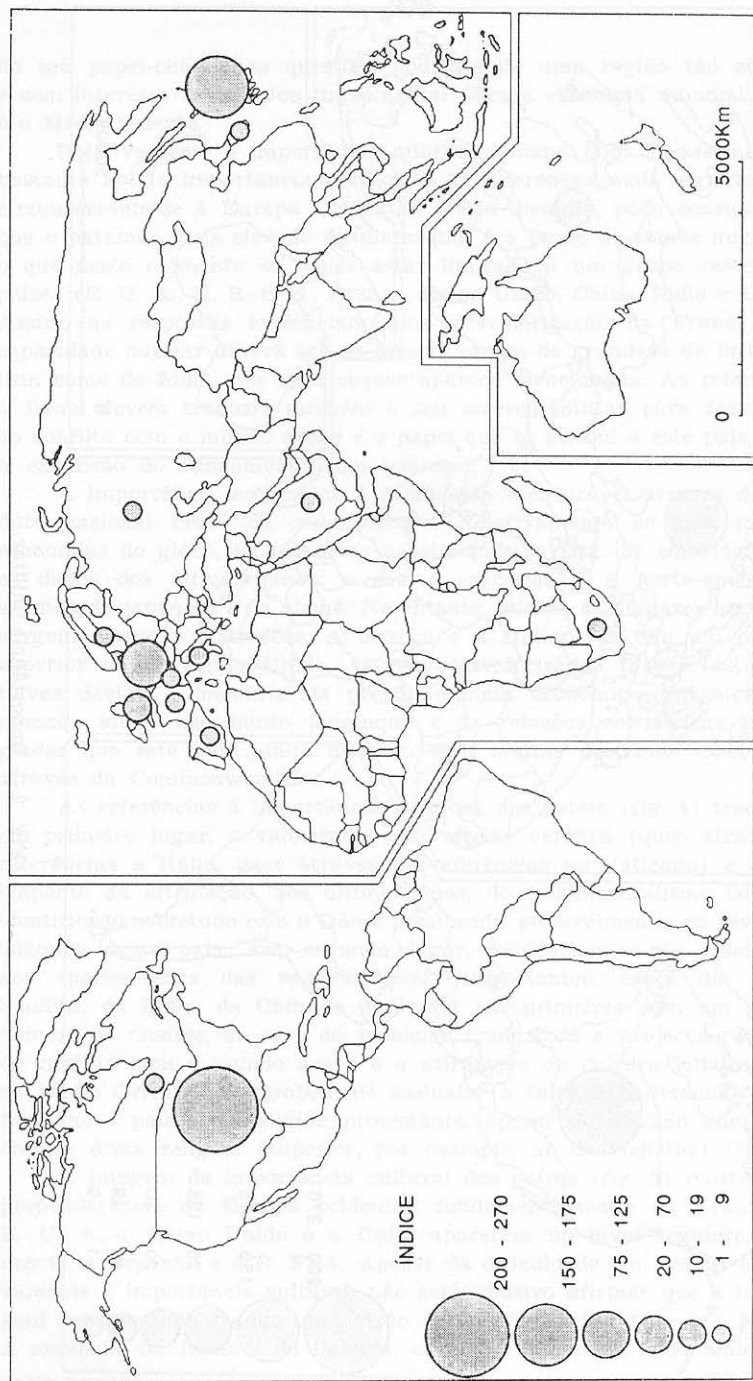


Fig. 3 — Importância económica.

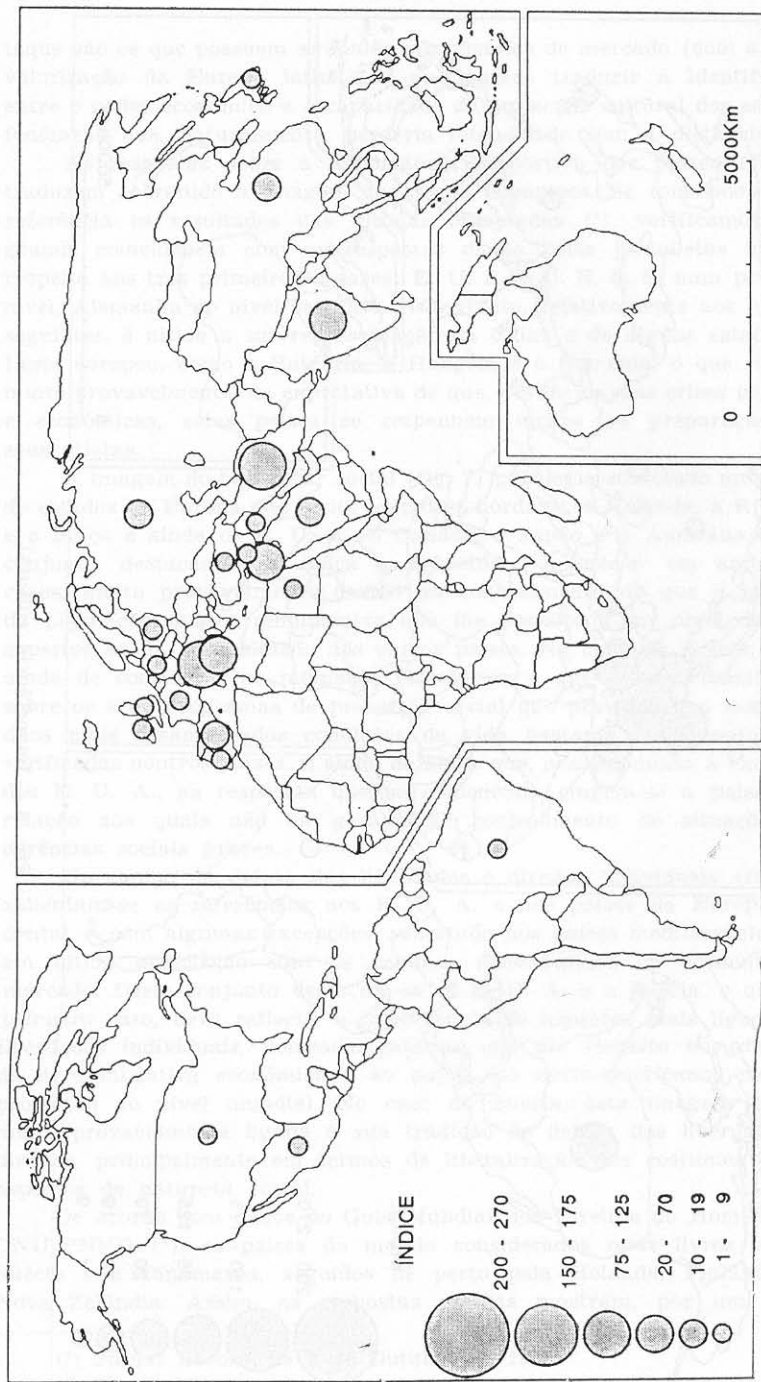


Fig. 4 — Importância religiosa.

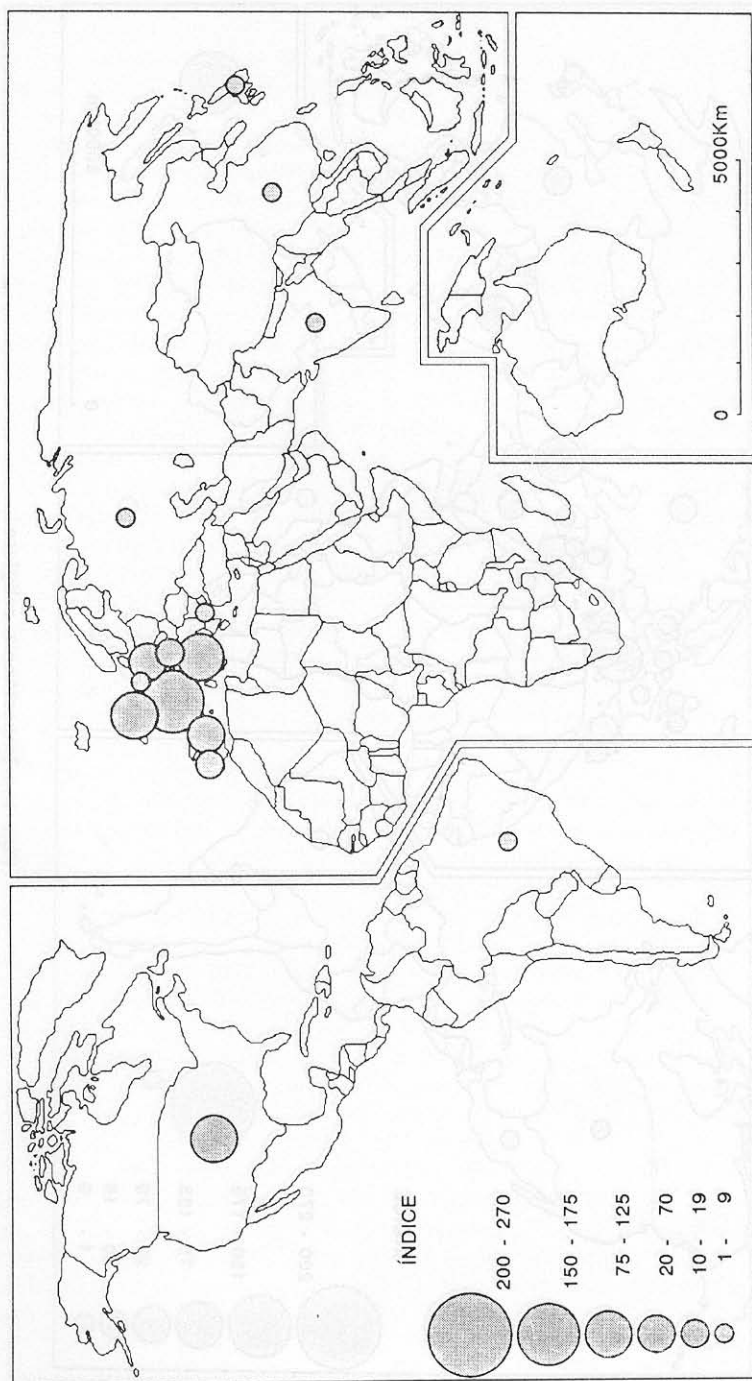


Fig. 5 — Importância cultural.



taque são os que possuem as maiores economias de mercado (com alguma valorização da Europa latina), o que parece traduzir a identificação entre o poder económico e a capacidade de projecção cultural dos estados, fenómeno que, naturalmente, perderia intensidade com a distância.

As respostas sobre a importância desportiva dos países (fig. 6) traduzem sobretudo a imagem dos Jogos Olímpicos. Se tomarmos como referência os resultados das últimas olimpíadas <sup>(3)</sup>, verificamos uma grande coincidência com as respostas dadas pelos jornalistas no que respeita aos três primeiros lugares: E. U. A. e U. R. S. S. num primeiro nível, Alemanha no nível seguinte. No entanto, relativamente aos lugares seguintes, é nítida a sub-representação da China e de alguns estados do Leste europeu, como a Bulgária, a Hungria e a Roménia, o que resulta, muito provavelmente, da expectativa de que, devido às suas crises políticas e económicas, estes países se empenhem menos na preparação dos seus atletas.

A imagem do bem-estar social (fig. 7) privilegia sobretudo um grupo de estados da Europa que inclui os países nórdicos, a Holanda, a R. F. A. e a Suíça e ainda os E. U. A., o Canadá, o Japão e a Austrália. Deste conjunto, destacam-se a Suíça e, sobretudo, a Suécia: em ambos os casos, muito provavelmente devido ao conhecimento de que a maioria da população auferia rendimentos que lhe permitem um nível de vida superior ao da generalidade dos outros países. No caso da Suécia, serão ainda de considerar as inúmeras referências a que estamos habituados sobre os seus programas de protecção social que providenciam aos cidadãos mais desamparados condições de vida bastante melhores que as verificadas noutros países. É ainda de notar que, neste domínio, à excepção dos E. U. A., as respostas que se evidenciam cingem-se a países em relação aos quais não há geralmente conhecimento de situações de carências sociais graves.

No campo da defesa das liberdades e direitos individuais (fig. 8), salientam-se as referências aos E. U. A. e aos países da Europa ocidental — com algumas excepções, sobretudo nos países mediterrânicos —, em nítida associação com os regimes democráticos de economia de mercado. Deste conjunto destacam-se os E. U. A. e a Suécia, o que, no primeiro caso, deve reflectir a importância de aspectos mais ligados às liberdades individuais, nomeadamente no que diz respeito aos direitos de livre iniciativa económica e ao papel dos norte-americanos na sua projecção ao nível mundial. No caso da Suécia, esta imagem estará muito provavelmente ligada à sua tradição de defesa das liberdades e direitos, principalmente em termos de liberalização dos costumes e em aspectos de natureza social.

De acordo com dados do Guia Mundial dos Direitos do Homem, da ONU/PNUD <sup>(4)</sup>, os países do mundo considerados mais livres são a Suécia e a Dinamarca, seguidos de perto pela Holanda, Finlândia e Nova Zelândia. Assim, as respostas obtidas mostram, por um lado,

<sup>(3)</sup> Jornal *Record*, de 5 de Outubro de 1988.

<sup>(4)</sup> Jornal *Público*, de 26 de Maio de 1991.

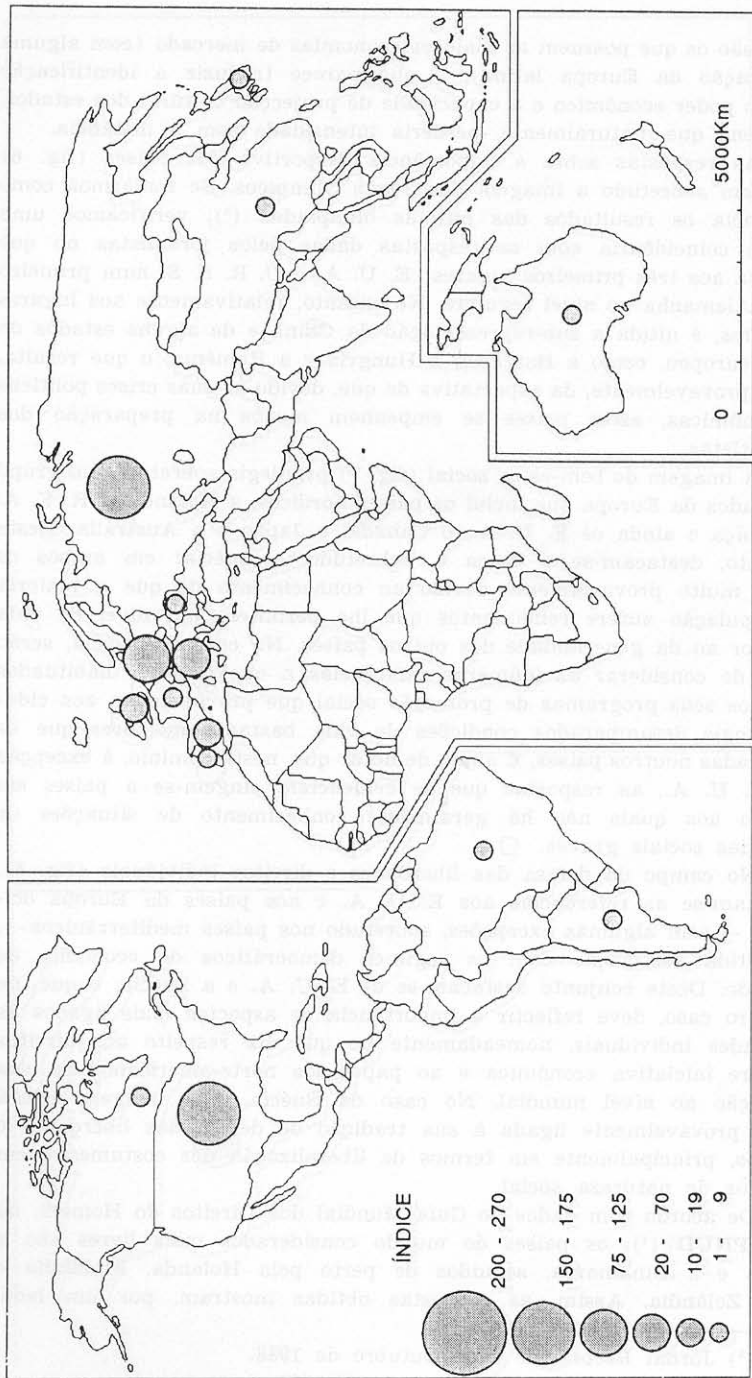


Fig. 6 — Importância desportiva.

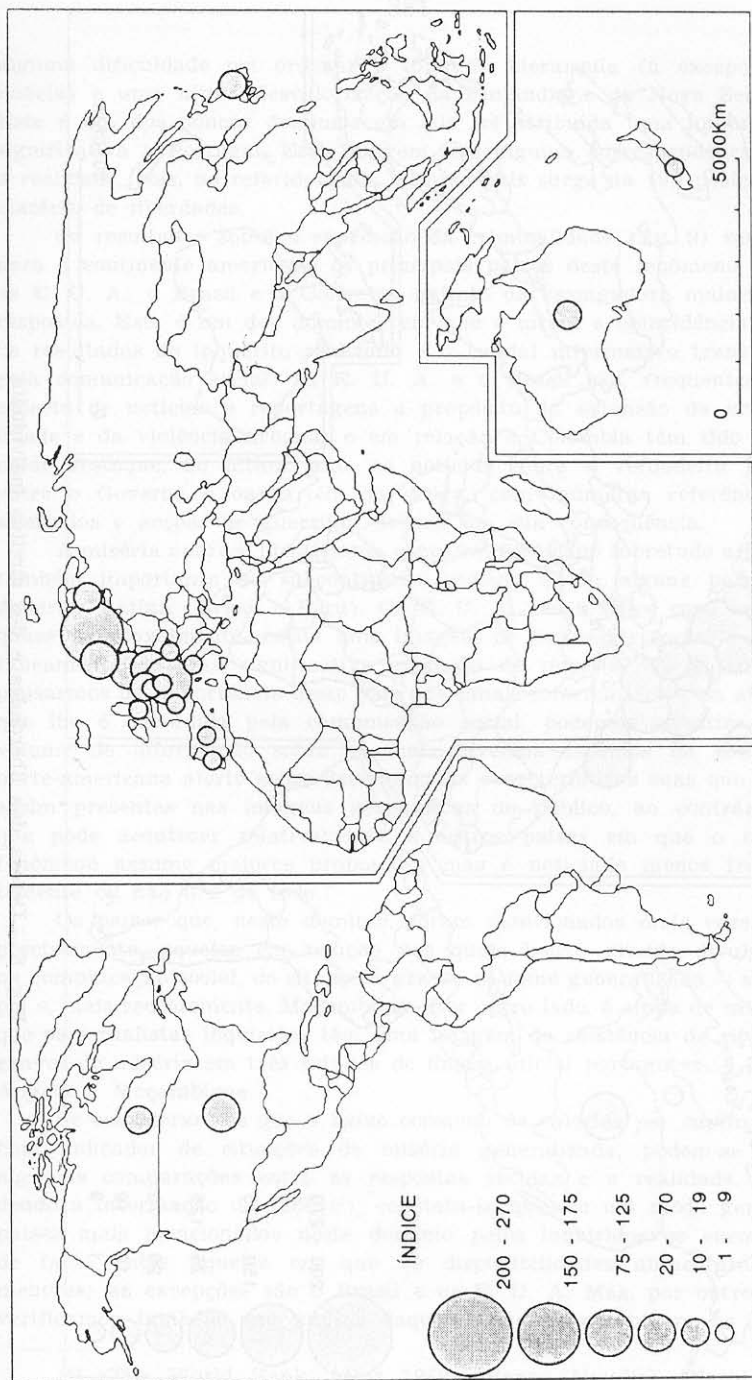


Fig. 7 — Bem-estar social.

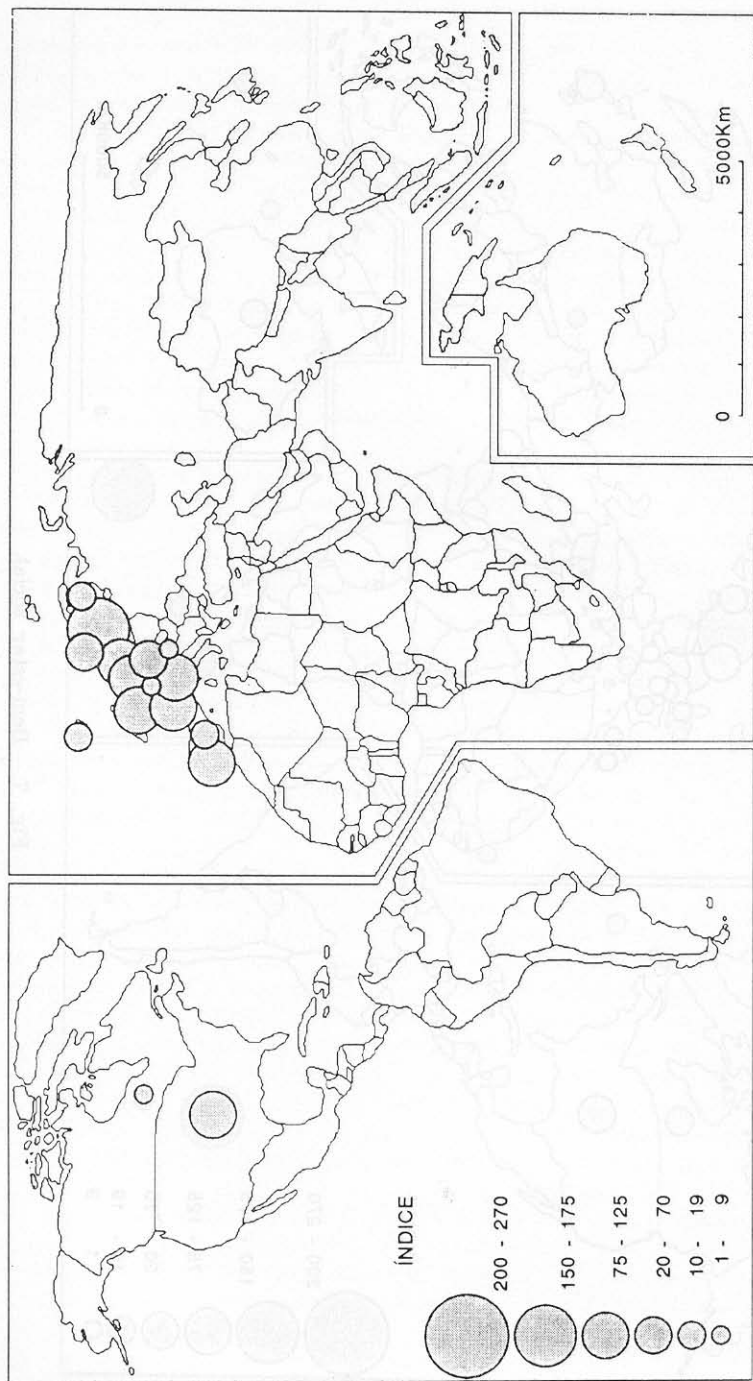


Fig. 8 — Defesa das liberdades e dos direitos individuais.

alguma dificuldade em ordenar o topo da hierarquia (à excepção da Suécia) e uma nítida desvalorização da Finlândia e da Nova Zelândia. Este é um dos poucos domínios em que foi atribuída uma importância significativa a Portugal. Esta imagem tem alguma correspondência com a realidade, pois, no referido guia, o nosso país surge na 19.ª posição em matéria de liberdades.

Os resultados sobre a expressão da criminalidade (fig. 9) remetem para o continente americano os principais palcos deste fenómeno, sendo os E. U. A., o Brasil e a Colômbia objecto da esmagadora maioria das respostas. Este é um dos domínios em que é nítida a coincidência entre os resultados do inquérito realizado e o caudal informativo transmitido pela comunicação social: os E. U. A. e o Brasil são, frequentemente, objecto de notícias e reportagens a propósito da extensão da criminalidade e da violência urbana; e em relação à Colômbia têm tido particular destaque, no último ano, as notícias sobre a verdadeira guerra entre o Governo e os cartéis da droga, com inúmeras referências a atentados e acções de guerrilha urbana em sua consequência.

A miséria aparece identificada como um fenómeno sobretudo africano, também importante no subcontinente indiano e em alguns países da América Latina (Brasil e Peru). Os E. U. A. são o único caso em que, quase paradoxalmente, existe uma imagem de bem-estar social e simultaneamente de uma significativa extensão da miséria. No entanto, se pensarmos na importância deste país nos canais informativos e na atenção que lhe é concedida pela comunicação social, podemos admitir que o volume de informação sobre os mais diversos aspectos da sociedade norte-americana alerte sobre determinadas características suas que ficam assim presentes nas imagens geográficas do público, ao contrário do que pode acontecer relativamente a outros países em que o mesmo fenómeno assume maiores proporções mas é noticiado menos frequentemente ou não o é de todo.

Os países que, neste domínio, foram mencionados mais vezes são, precisamente, aqueles em relação aos quais houve grande divulgação, na comunicação social, de situações graves de fome generalizada — a Etiópia e, mais recentemente, Moçambique. Por outro lado, é ainda de salientar que os jornalistas inquiridos têm uma imagem de existência de situações graves de miséria em três estados de língua oficial portuguesa, o Brasil, Angola e Moçambique.

Se considerarmos que o baixo consumo de calorias *per capita* é um bom indicador de situações de miséria generalizada, podem-se fazer algumas comparações entre as respostas obtidas e a realidade. Atendendo a informação de 1986 <sup>(5)</sup>, constata-se que, de um modo geral, os países mais mencionados neste domínio pelos inquiridos se encontram de facto entre aqueles em que as disponibilidades alimentares são menores; as excepções são o Brasil e os E. U. A. Mas, por outro lado, verificamos também que muitos daqueles que se encontram na classe

<sup>(5)</sup> «The World Bank Atlas 1989», Banco Mundial, Washington, D. C., 1989, p. 23.

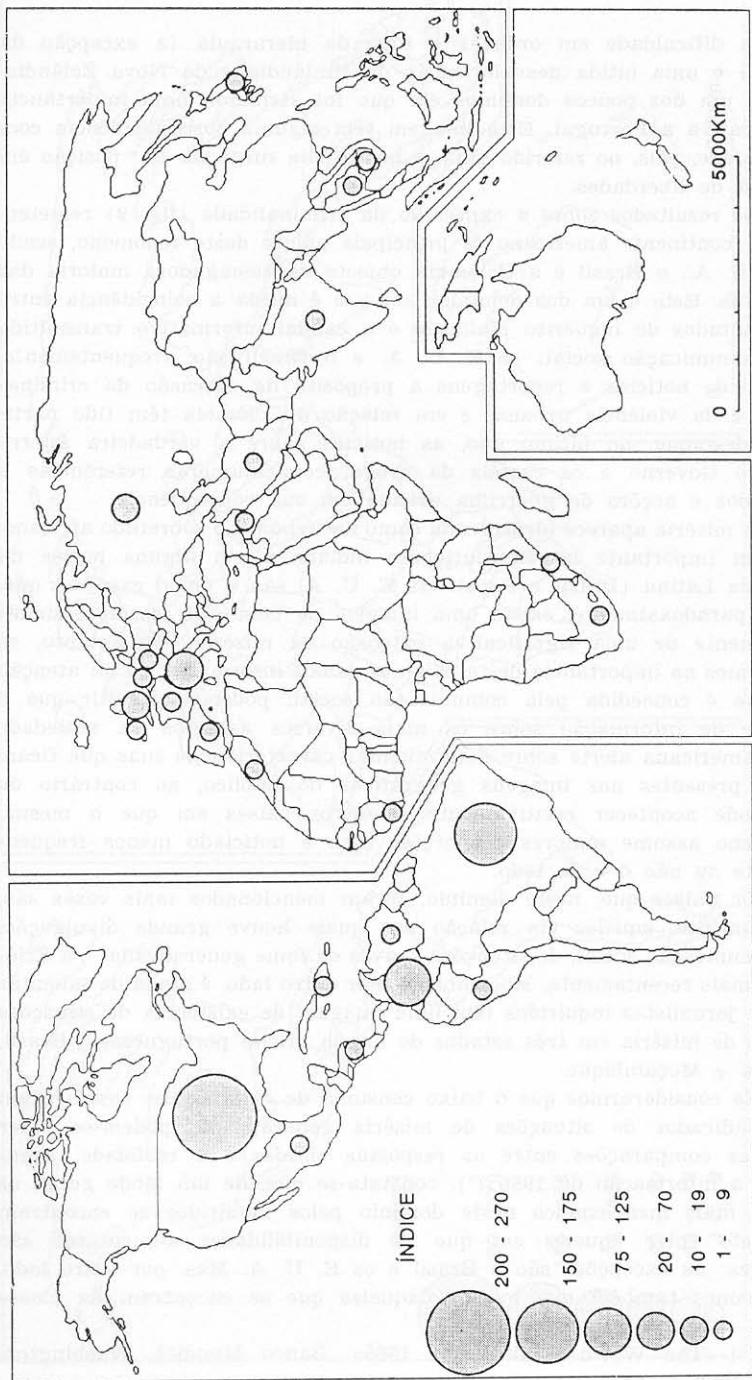


Fig. 9 — Criminalidade.

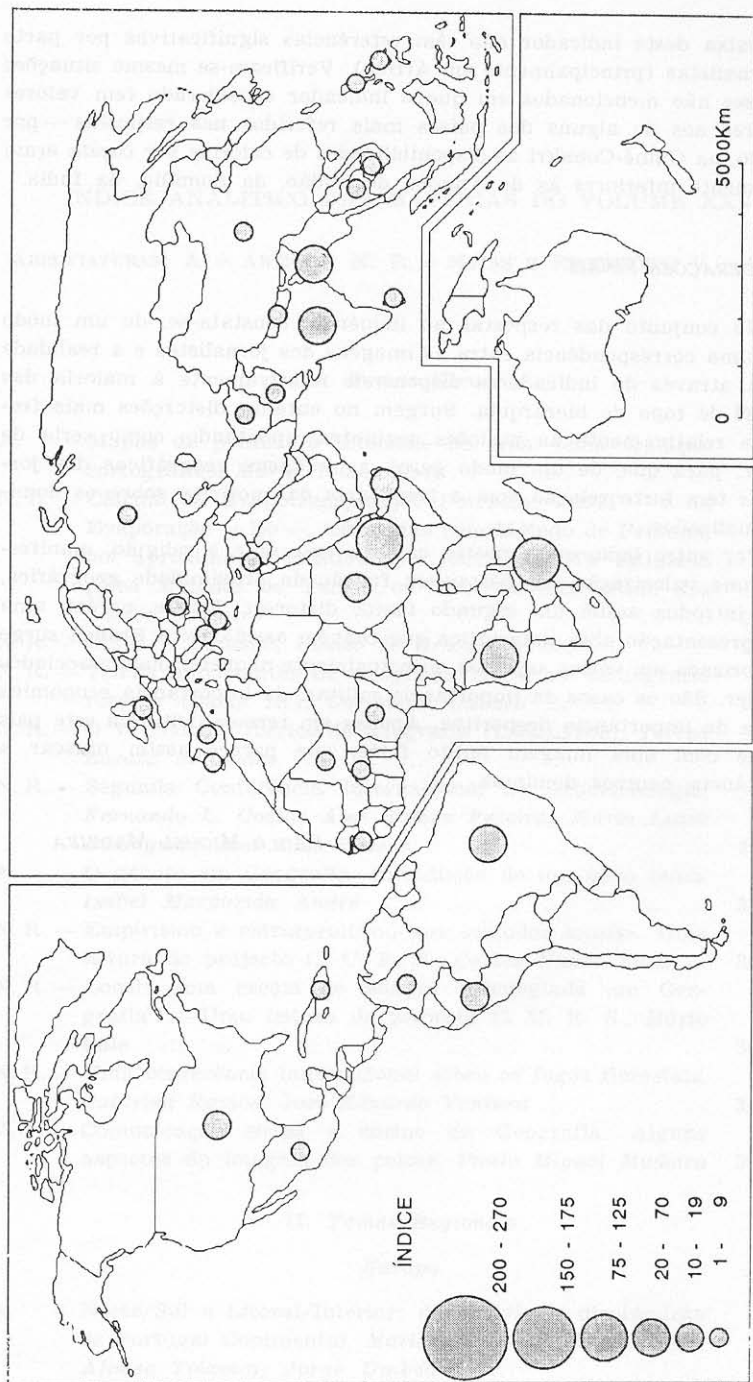


Fig. 10 — Miséria.

mais baixa deste indicador não têm referências significativas por parte dos jornalistas (principalmente em África). Verificam-se mesmo situações de países não mencionados em que o indicador considerado tem valores inferiores aos de alguns dos países mais referidos nas respostas — por exemplo, na Guiné-Conakri as disponibilidades de calorias *per capita* eram ligeiramente inferiores às de Angola, do Sudão, da Somália, da Índia...

### *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

No conjunto das respostas ao inquérito, constata-se, de um modo geral, uma correspondência entre as imagens dos jornalistas e a realidade aferida através de indicadores disponíveis relativamente à maioria das posições de topo de hierarquia. Surgem no entanto distorções mais frequentes relativamente às posições seguintes, apontando, como seria de esperar, para que, de um modo geral, as imagens geográficas dos jornalistas têm forte relação com a frequência das notícias sobre os domínios analisados.

Por outro lado, em aspectos como a cultura e a religião, manifesta-se uma valorização dos países em função da proximidade geográfica, o que introduz assim um segundo factor distorsor. Existe, porém, uma sub-representação algo sistemática que convém assinalar: a França surge desvalorizada em vários aspectos, principalmente naqueles mais associados ao poder. São os casos da importância militar, da importância económica e ainda da importância desportiva. Apenas em termos culturais este país aparece com uma imagem muito fortê, que parece assim ofuscar a importância noutros domínios.

*PAULO MIGUEL MADEIRA*